

---

**Referências para inventário de artefatos e objetos**

---

Lucia Hussak van Velthem  
Museu Paraense Emílio Goeldi - MCT

**As coisas, os objetos, os artefatos**

As sociedades humanas, desde eras remotas, estão cercadas pelas coisas que são confeccionadas, compradas, trocadas, ofertadas, utilizadas, contempladas, guardadas descartadas, transformadas e também estudadas. Devido a sua individualidade, as coisas podem ser submetidas ao recolhimento, ao deslocamento, à ordenação, à estocagem, à exposição. Elas podem estar em plena atividade ou não, serem coisas novas ou usadas, muitas vezes estragadas e, assim se decompor, se partir, transformando-se em fragmentos.

Muitas coisas constituem produções que se materializam sob a forma de objetos, de artefatos, os quais possuem uma conexão com as necessidades de comunicação e de expressão das pessoas, sendo indispensáveis para sua sobrevivência biológica e psíquica. As coisas participam, assim, de forma decisiva para a produção e a reprodução social. Ademais, constituem importantes mediadores para as relações estabelecidas entre indivíduos, no seio de uma coletividade, uma vez que conferem um reconhecimento sensível a essas relações. Contudo, é preciso sublinhar que um objeto não representa, simplesmente, a expressão material de uma relação, uma vez que sua existência testemunha a respeito de tecnologias de manufatura, de adaptação ecológica, de concepções estéticas, de modalidades econômicas, de atividades cotidianas ou rituais, de construções identitárias individuais e coletivas, de formas de pensar o mundo e de estruturar cosmologias, as quais remetem especificamente a aspectos tais como essência criativa, processos de transformação, de práticas deletérias, aspectos que podem ser encontrados em diferentes narrativas e textos acadêmicos.

Para a ciência antropológica, as coisas pertencem ao domínio da "cultura material" de determinada sociedade, uma expressão que impõe, contudo, um critério que pode se revelar inadequado para certas populações tradicionais que apreendem a materialidade de forma diversa. Os antropólogos que se debruçam sobre as coisas, os objetos, os artefatos realizam estudos ergológicos, de antropologia material, de antropologia da arte, de etno-museologia.

Objetos e artefatos, em seu conjunto integram o domínio da materialidade de uma determinada cultura, constituindo a categoria dos bens culturais móveis. O conceito do bem cultural móvel, em contraponto ao bem cultural imóvel (acervos arquitetônico, urbanístico e natural) é especialmente recente e sua abrangência muito vasta, uma vez que compreende a totalidade dos "fazer do homem: manufaturados, semi-industrializados ou já industrializados, peças ou documentos de qualquer espécie". O conjunto desses bens, em geral sensíveis às mudanças sociais, econômicas, ambientais que recaem sobre seus produtores e os materiais empregados, integra o patrimônio cultural de um país, de uma região.

Na última década do século XX desenvolveu-se a pesquisa de suportes materiais visando a documentá-los e produzir informações sobre os mesmos e, através desses dispositivos, ganhou corpo a noção de "referência cultural". Na elaboração desses dados, o horizonte conceitual sempre objetiva a construção de um sistema referencial da cultura daquele contexto específico. Intimamente conectada à preservação patrimonial, essa noção volta-se para a elaboração e realização de "inventários de conhecimento" que correspondem aos saberes e fazeres, relativos aos processos culturais de determinada sociedade, muitos dos quais diretamente relacionados aos

objetos e aos artefatos. Esses inventários, como os realizados pelo IPHAN/MINC, compreendem estudos e pesquisas que se desdobram em cadastros, em mapeamentos, em informações sistematizadas que recaem sobre os bens móveis e conjuntos urbanos, bens móveis e integrados, acervos museológicos, bibliográficos, arquivísticos e audiovisuais e bens culturais de natureza imaterial, com o intuito de revelar e proteger o patrimônio nacional.

A pertinência e a utilidade de um *inventário de conhecimentos* sobre a materialidade (coisas, objetos e artefatos) nas sociedades tradicionais na Amazônia é, pois, incontestável. O propósito desse texto é tão somente o de aguçá-lo o interesse pelo assunto, permitindo assim que sejam estabelecidas as bases para diferentes inventários acerca dos bens culturais materiais. Não se trata, evidentemente, de um texto definitivo sobre o assunto que é vasto e que não cabe nos propósitos da "Folha da Maniva".

## O inventário de conhecimentos

A complexidade e a riqueza das informações que estão agregadas aos objetos e artefatos requerem o desenvolvimento de análises igualmente complexas, tanto do ponto de vista técnico como conceitual. O inventário de um artefato ou de um conjunto de artefatos deve ser capaz de informar acerca dos diferentes domínios a eles relacionados e que são de ordem material, técnica, social, simbólica, estética, artística e, portanto devem ser considerados tanto os seus aspectos materiais, como os imateriais. Esse é o motivo porque a documentação de objetos, durante a pesquisa de campo, representa uma tarefa árdua que exige o uso concomitante de metodologias da antropologia, da museologia, da história e ainda o concurso de outras disciplinas como a biologia, pois são necessárias identificações botânicas e zoológicas e outras mais. São ainda fundamentais os registros iconográfico e fotográfico e, caso seja possível, a filmagem e as gravações sonoras.

Para os estudos antropológicos da materialidade é necessário considerar-se ainda a reviravolta de perspectiva que se operaram nos últimos anos em alguns setores desta disciplina. Essa renovação questiona as identidades fechadas e rígidas, preferindo acentuar a flexibilidade de formas sociais e dos mecanismos de definição identitária que consideram as redes de sociabilidade existentes e que se revelam em diferentes regimes expressivos, uns ligados a oralidade, outros à materialidade. Isso significa que deve ser conferida especial atenção aos artefatos que apresentam características exógenas, ou que sejam eles próprios oriundos do contato. Assim sendo, um levantamento criterioso, engloba as suas diferentes expressões, incluindo inclusive os objetos industriais e os semi-industriais porque os mesmos, além de testemunharem a respeito das relações estabelecidas, podem ser alvos de uma elaborada inserção no discurso e na prática social, como ocorre entre os índios Wayana, no norte do Estado do Pará e, certamente entre outros grupos indígenas e comunidades ribeirinhas.

Na documentação das coisas materiais de povos tradicionais na Amazônia, após o estabelecimento das balizas iniciais surge uma série de problemas de identificação sobre o que deve ser inventariado na profusão de coisas que encontramos em uma casa residencial, em uma cozinha, em uma casa de farinha... Para a boa condução dos trabalhos é necessário, portanto, o estabelecimento prévio de recortes metodológicos que, confrontados com a realidade do ambiente da pesquisa de campo propicia os desejados princípios norteadores.

As sugestões abaixo constituem em auxiliares dos pesquisadores na estruturação desses princípios. Evidentemente, não são mutuamente excludentes, pois o inventário deve contemplar vários itens:

- 1) Inventariar a produção artesanal de várias aldeias ou comunidades na área estudada.
- 2) Inventariar a produção artesanal de apenas uma aldeia ou comunidade, escolhida segundo critérios pré-determinados, entre os quais os interesses dos membros das comunidades estudadas.
- 3) Inventariar os objetos de uso cotidiano ou os de uso ritual, ou não estabelecer essa distinção e assim conferir igual atenção a essas duas categorias.
- 4) Inventariar os objetos utilizados em uma determinada atividade, ou complexo de atividades.
- 5) Inventariar dos objetos produzidos para a venda ou para troca, interna e externa e/ ou os objetos advindos dessas atividades.
- 6) Inventariar os objetos produzidos na estação seca ou na estação chuvosa ou considerar ainda outros critérios sazonais.

7) Inventariar a produção artesanal feminina ou a masculina ou ainda a de ambos, incluindo-se os aspectos relacionados com as trocas, as dádivas, a posse individual.

8) Inventariar apenas a produção artesanal das pessoas apontadas como especialistas ou não considerar esse critério.

9) Inventariar objetos que indiquem a variabilidade de categorias artesanais encontradas.

10) Inventariar os componentes de uma única categoria artesanal.

11) Inventariar os objetos cujas técnicas são consideradas as mais significativas pelos produtores.

12) Inventariar os objetos necessários para demonstrar a variabilidade de formas e tamanhos, matérias-primas, motivos decorativos em todas as categorias artesanais ou somente para algumas dessas categorias.

A análise clássica de um artefato considera quatro aspectos principais: matéria-prima, técnicas de confecção, aspecto formal e função. As matérias-primas e as técnicas de confecção são pontos de partida para a identificação de um objeto indígena ou caboclo porque são esses os meios que o concretizam e assim o conhecimento desses aspectos é fundamental, pois o uso de determinada matéria-prima, e as técnicas de processamento podem refletir um conjunto de critérios de ordem ambiental, funcional, simbólica, estética. A tecnologia de confecção informa ainda sobre relevantes aspectos cognitivos relacionados com o aprendizado e as classificações e ainda aos diferentes usos de um artefato e revelam aspectos específicos da vida em sociedade, como o processamento de alimentos e a comensalidade.

Uma etapa importante no estudo da materialidade é a busca da significação de seus componentes através de suas formas e funções. Para muitos artefatos a forma revela de modo inequívoco, a função geral do objeto e o seu contexto de utilização. Entretanto, devemos ter em mente que essa trajetória analítica nem sempre é aplicável a certos objetos, formalmente mais complexos ou suscetíveis de preencher várias funções, para os quais são requeridos estudos mais aprofundados. Esta consideração é particularmente relevante, pois cremos que *função* e *uso* referem-se a um mesmo domínio, relativo ao emprego do objeto. Entretanto, existe uma sutil diferença entre esses termos, uma vez que o primeiro contém o sentido de funcionamento, o resultado prático de um projeto, desenvolvido com fins específicos, a sua matriz de ação que é, de certa forma, unívoca., pelo menos para certos artefatos. Outrossim, o uso pode corroborar a função própria do objeto, como complementá-la ou mesmo contradizê-la. Neste sentido, perceberemos que o *uso* é, quase sempre, múltiplo, pois revela as diversas formas de se empregar um objeto ou um artefato.

Os inventários adquirem uma outra dimensão quando há uma individualização do artefato que está sendo fichado. A individualização confere identidade ao objeto e é ela que conduz a uma abordagem que o considera enquanto "sujeito", passível de ter uma "história de vida". Para que isso ocorra, a ficha precisa incluir referências e informações sobre um determinado artefato que adote, por conseguinte, o seu "ponto de vista", por mais estranho que isso possa parecer. Esse exercício solicita a compreensão do artefato como se fora um "corpo", nem sempre inanimado. Essa constatação remete ao levantamento de aspectos que dizem respeito à sua "mobilidade": como se deslocam, por onde circulam, onde são armazenados, como "trabalham", se sozinhos ou acompanhados de outros objetos. Outro aspecto significativo da questão está relacionado com a história da produção e utilização de um artefato, assim como das sucessivas transformações a que é submetido, sem esquecer o seu descarte final, pois trata-se de focar o seu ciclo vital que engloba, como era de se esperar, a sua "gestação" (a confecção), seu "nascimento" (a conclusão), sua "vida" (a utilização) e sua "morte" (o descarte). Estas características estão presentes na apreensão dos artefatos por diferentes povos indígenas amazônicos como os Wayana e Aparai, os Yekuana, os Baré, e outros mais como se depreende da literatura etnológica existente e como foi possível constatar, para os últimos, na pesquisa de campo.

De um ponto de vista metodológico, é sempre útil lembrar a importância do registro dos termos de uso nativo, pelos quais o artefato é conhecido e referido, assim como de seus componentes materiais e imateriais. É preciso que a ficha tenha termos de referência que advenham de um vocabulário controlado, encontrado em tesouros como a Suma Etnológica (Ribeiro, 1986); o Dicionário do Artesanato Indígena (Ribeiro, 1988) e o recente Tesouro de Cultura Material (Motta, 2006) sobre o assunto. O uso de vocabulário controlado permite ressaltar uma maior diversidade de artefatos que muitas vezes não são perceptíveis através das categorias nativas. Ademais, sua organização em muito auxilia as identificações das técnicas empregadas, assim como facilita a descrição do próprio artefato, que pode então ser estabelecida com poucas palavras, uma vez que deve existir a documentação fotográfica do artefato.

Cabe ainda a referência sobre a situação de diálogo que necessariamente se estabelecerá entre o pesquisador e membros das comunidades estudadas. Esse trabalho em parceria poderá desembocar em estratégias produzidas em conjunto na promoção da gestão participativa do patrimônio cultural sistematizado e documentado, através da pesquisa de campo e dos levantamentos documentais, e que poderá acarretar, em alguns casos, a recuperação e a valorização de partes do acervo de bens culturais.

#### Referências de leituras afins:

- Mauss, M. 1972 (1947) Manual de Etnografia. Lisboa: Editorial Pórtico, 279 p.
- Motta, D.F. 2006. Tesouro de cultura material dos índios no Brasil. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 180 p.
- Newton, D. Cultura material e história cultural. *Suma Etnológica Brasileira*. V.2, Petrópolis: Vozes/FINEP, 1986, pp 15-25.
- Ribeiro, B.(Coord). *Suma Etnológica Brasileira*. V.2, V3 Petrópolis:Vozes/FINEP, ,
- \_\_\_\_\_ 1986. A linguagem simbólica da cultura material. *Arte Índia. Suma etnológica brasileira*. V.3 Petrópolis: Vozes/FINEP, pp. 15-27.
- \_\_\_\_\_ 1988. Dicionário do Artesanato Indígena, Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP.
- \_\_\_\_\_ 1989. Arte indígena, linguagem visual. Belo Horizonte: Itatiaia, 180 p
- Ribeiro B. e Van Velthem, L.H. 1992. *Coleções etnográficas: documentos materiais para a história indígena e a etnologia*. História dos índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras/ Secr. Mun. de Cultura/FAPESP, p. 103-114.
- Taveira, E. 1978. Etnografia da cesta Karajá. Dissertação de Mestrado, São Paulo: USP.
- Vidal, L. (Org), 1992. Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética. São Paulo, Studio Nobel/FAPESP/EDUSP.
- \_\_\_\_\_ 1995, O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. *A temática indígena na escola*. Brasília: MEC/ MARI/UNESCO, pp 369-402.
- Van Velthem, L.H. 1998. A pele de Tulupere. Uma etnografia dos trançados Wayana. Belém: MPEG.

#### Outras referências:

- Costa, L. M. 1987. *Em defesa do patrimônio cultural móvel*. Revista do Patrimônio histórico e Artístico Nacional N. 22, p. 145-153.
- Fabian, J. 2004. On recognizing things. The 'ethnic artefact' and the 'ethnographic object'. *L'Homme* 170 : 47-70.
- Guss, D., 1990. *To weave and sing. Art, symbol, and narrative in the South American rain forest*. University of California Press.
- Gruzinski, S. 2003. Qu'est-ce qu'un objet métis? 25 p. datilo.
- Jamin, J. 2004. "La règle de la boîte de conserve" – Editorial. *L'Homme* 170 : 7 – 10.
- Londres, C. 2000. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. *O registro do patrimônio imaterial*. Brasília: IPHAN, pp. 59-74.
- Menezes, U. B. 1983. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*. N.S, 115 , 103-107.
- \_\_\_\_\_ 1994. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*. História e Cultura Material N.S. v. 2 São Paulo: USP p. 9-42.
- Muller, R. P., 1990. *Os Asurini do Xingu. História e Arte*. Campinas: Ed. da UNICAMP.
- \_\_\_\_\_ 1992. Tayngava, a noção de representação na arte gráfica Asurini do Xingu. *Grafismo Indígena. Estudos de antropologia estética*, São Paulo: Studio Nobel, FAPESP/ EDUSP, 231-248.
- Savary, C. 1989. L'objet ethnographique: moyen de connaissance des cultures? *Bulletin annuel Musée d'Ethnographie*, 31/32: 65-80,.
- Solis, S.F e Silva, G.A. 2000. A preservação dos processos culturais significativos para a sociedade brasileira. *O registro do patrimônio imaterial*. Brasília: IPHAN, p 77-80..
- Van Velthem, L.H. 2002; "Feito por inimigos": os brancos e seus bens nas representações Wayana do contato. *Pacificando o branco. Cosmologias do contato no norte amazônico*. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, p.61-84..
- \_\_\_\_\_ 2003. *O belo é a Fera. A estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Assírio & Alvim.

## UM MODELO DE FICHA PARA INVENTÁRIO DE ARTEFATOS E OBJETOS

Numero da ficha de inventário:

### 1 - Referências preliminares da documentação.

- a) Identificação da comunidade/aldeia:
- b) Município:
- c) Complemento:

### 2 – Referências sobre o artefato documentado.

- a) Identificação do artefato:
- b) Designação local do artefato:
- c) Produtor:
- d) Usuário:
- e) Proprietário:
- f) Objeto industrial:

### 3 - Componentes do artefato:

- a) Matérias-primas naturais:
  - Local de coleta/cultivo:
  - Onde e como a matéria-prima é processada:
- b) Matérias-primas industriais:
  - Onde e como foram adquiridas?
- c) Designação do aspecto formal:
  - Base, corpo e borda:
- d) Outros componentes formais:
- e) Outras particularidades como marcas, reparos:
- f) Dimensões:
- g) Motivos decorativos:
  - Designação local:
  - Significado:
  - Técnicas:
  - Pigmentos:
  - Outras particularidades:

### 4 – Processo de confecção:

- a) Designação local da técnica:
- b) Técnica artesanal utilizada:

Início do artefato:

Corpo do artefato:

Arremate do artefato:

Implementos utilizados:

c) Local de confecção:

d) Calendário de confecção:

e) Elementos propiciatórios:

f) Restrições de confecção:

g) Destino do artefato:

g) Objeto industrial:

Onde, como e de quem foi adquirido:

**5 – Identificação funcional do artefato/objeto:**

a) Função específica:

b) Usos e utilidades:

c) Local ou locais de uso:

d) Quando é utilizado:

e) Como é utilizado:

f) Transporte do artefato:

g) Local e forma de armazenamento:

**6) - Identificação da documentação:**

a) Informações fornecidas por:

b) Data da documentação:

c) Observações Gerais: